



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS (IHL)
BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)**

ZULAICA BUINI SAMBÚ SARR

**PRODUÇÃO IMAGÉTICA: O PROCESSO DE OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA
CRIOLA EM GUINÉ-BISSAU**

REDENÇÃO- CE

MAIO 2018

ZULAICA BUINI SAMBÚ SARR

**PRODUÇÃO IMAGÉTICA: O PROCESSO DE OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA
CRIOLA EM GUINÉ-BISSAU**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades e Letras (IHL), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

ORIENTADORA: Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Cunha da Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Cristina Cunha da Silva
(Orientadora / IHL UNILAB)

Prof. Dr. Fábio Fernandes Torres

Prof^a. Dr^a. Geórgia Maria Feitosa Paiva

REDENÇÃO- CE

MAIO 2018

TERMO DE APROVAÇÃO

Relatório de vídeo de conclusão de curso apresentado ao Bacharelado em Humanidade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

PRODUÇÃO IMAGÉTICA: O PROCESSO DE OFICIALIZAÇÃO DA LÍNGUA CRIOLA EM GUINÉ-BISSAU

ZULAICA BUINI SAMBÚ SARR

Data da aprovação: ____/____/____

Nota:_____

REDENÇÃO- CE

MAIO 2018

Agradecimentos

Por tamanho caminho percorrido para fazer este documentário, agradeço de coração logo a primeira aos meus depoentes, Mikail G. De Pina, Edina Ié, Karol M. O. Simões, Nuna N. Correia, Professor Lourenço Ocuni Cá, e Yolanda V. M Garrafão, que disponibilizaram os seus preciosos tempos para me ajudar a fazer essa reflexão. Sem vocês não chegaria a fazer esse trabalho, porque não foi fácil, meu muito obrigado por terem aceitado o convite; vocês foram uma benção de Deus durante esse meu percurso, muito, mas muito obrigado mesmo, também aproveito para agradecer o Manuário, muito obrigada por ter me disponibilizado a sua câmara para fazer as gravações, e sem esquecer do capitão, muito obrigado, Nelo Francisco da Silva, por ter feito esse grande trabalho de edição dos vídeos, que sei que não é nada fácil ainda por ser em cima da hora para deixar tudo bem perfeito como deixou. Muito obrigada, sou muito grata a todos vocês. Que Deus abençoe cada um de vocês.

“Na gardici bos pa tudo ke ku bo tem feito pa mi, só Deus ku na paga bos...Nka tene nada pan fala si ka obrigado, nka tene nada pan paga bos si ka obrigado”

SUMÁRIO

1. Introdução.....	06
2. Fundamentação Teórica.....	09
2.1 Breve historial do povo Guineense.....	09
2.2 Situando a língua crioula no processo histórico da Guiné-Bissau.....	09
2.3 Modelo para adoção de uma segunda língua oficial do país.....	11
2.4 Propostas de política linguística para Guiné-Bissau.....	12
3. Justificativa.....	17
4. Objetivos.....	18
5. Metodologia.....	19
6. Produção do documentário.....	21
7. Ficha Técnica.....	23
8. Considerações Finais.....	24
Referências Bibliográficas.....	26

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade a apresentação de uma produção imagética para a conclusão do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas. Trataremos do seguinte tema: processo da oficialização da língua crioula em Guiné-Bissau.

A República da Guiné-Bissau é um Estado da África ocidental banhado a oeste pelo oceano Atlântico, limitado ao sul e a leste pela República da Guiné-Conacri, e ao norte pelo Senegal. Tem uma superfície de 36. 125 km², e uma população estimada em 1.521.830 habitantes, de acordo com os dados do recenseamento geral da população e habitação (RGPH) realizado em março de 2009. O país tem um crescimento demográfico rápido e forte: 2,5% /ano.

É uma das ex-colônias de Portugal até 24 de setembro de 1973, quando as guerrilhas do PAIGC (Partido Africano da Independência de Guiné e Cabo-verde) decidiram de maneira unilateral a sua proclamação de autonomia enquanto um Estado. Guiné Bissau foi reconhecida pelo governo de Portugal em 10 de setembro de 1974 (EMBALO,2008), sendo posteriormente reconhecido por mais de 80 países no mundo (LOPES,1987). O país possui vários grupos étnicos, a saber, os Fula, Balanta, Manjaco, Papel, Felupes, Mancanhas, Tanda, Mansoncas, Baiote, Djacanca, Bijagós, Mandingas, Nalus, entre outros, por isso é um país definido como um “mosaico étnico-cultural, onde habitam mais de duas dezenas de etnias” (EMBALO,2008).

Ainda de acordo com Lopes (1982), a constituição dos povos que hoje habitam a atual Guiné, deriva da confluência dos povos oriundos da desintegração do império de Mali e dos seus pequenos reinos, através de um processo de deslocação e mobilidade na África setentrional, como pode constatar abaixo.

Os povos que habitam o litoral da Guiné-Bissau foram vítimas, nos séculos XIII, da rejeição das etnias de origem mandé chegadas ao centro do país. Ainda hoje se distinguem hábitos sociais diferentes entre as etnias do litoral e as do leste: as primeiras animistas, vivendo num regime comunitário sem Estado, e as outras, islamizadas, tendo já uma estratificação social e organizadas em forma de Estado. Os principais grupos étnicos do litoral são os Diolas, Cocolis, padjadincas que habitam o arquipélago dos Bijagós e as ilhas próximas da costa. (LOPES, 1987, p.19)

Não obstante as variações culturais dos povos que posteriormente habitaram a Guiné-Bissau, a variedade na religião e nos ritos e rituais, bem como a variedade linguística, o crioulo vai se constituir como elemento consubstanciador da convivência entre estes grupos étnicos citados acima, como salienta Augel (2007).

O diálogo estabelecido por diferentes autores como a Augel, Couto, Embaló entre outros na qual vamos abordar. A escolha do tema, surgiu de um trabalho proposto pelo professor André Telles, no segundo semestre do curso de Bacharelado em interdisciplinar em ciências Humanas na disciplina de Leitura e Produção do Texto, sobre o livro “Preconceito Linguístico”, do autor Marcos Bagno (2014).

Nessa obra Bagno (2014) alega que o Português não procede do latim; esta afirmação, acabou por gerar uma inquietação científica, pois como guineense, é preciso verificar como surgiu a língua crioula, entender o seu percurso e origem, mas, principalmente, entender por que a língua crioula ainda não tinha sido oficializada em Guiné-Bissau.

Neste projeto apresentaremos um breve resumo sobre a história da língua crioula, porque entendemos que começar pela história de um povo é a melhor forma de falar da sua cultura, civilização e língua. Sempre que precisamos abordar o assunto ligado a uma língua de um determinado grupo ou povo, julgou-se ser importante conhecer todo o conjunto do processo que deu origem a essa língua como instrumento de comunicação.

Ao falarmos de uma língua, temos que procurar a sua origem. E nessa mesma linha de pensamento, buscaremos entender as razões pelas quais a língua crioula ainda não foi oficializada, analisar e compreender os meios que se deve recorrer para ela ser oficializada, explicar a importância do crioulo para a sociedade guineense no ensino público e privado.

Para abordar esse tema de suma importância será feito um estudo (bibliográfico e documental) e depois dele será produzido um documentário. Isso nos leva a uma breve reflexão de como surgiu a língua crioula e como ela se formalizou na sociedade guineense. Descobrir as questões políticas que impedem a sua oficialização, ao falar da língua crioula, acaba se envolvendo com toda sociedade guineense, descobrir que grupos de pessoas o crioulo pode beneficiar com a sua oficialização, tendo em conta que toda a população tem o crioulo como a língua mais falada, porque é através do crioulo que existe comunicação entre diferentes grupos étnicos. Segundo Augel (2006), a língua crioula passou a ser considerada como uma língua nacional ou de união.

Decidimos fazer o documentário depois de uma árdua procura de documentos escritos sobre a oficialização do crioulo e a opinião dos habitantes e do Estado guineense sobre a oficialização. Como desconfiávamos, não há muitos documentos produzidos que abordem essa temática da oficialização do crioulo na Guiné-Bissau. O que existe é a parte histórica e do período colonial.

A carência de uma diversidade bibliográfica sobre o assunto nos levou a propor um breve e pequeno documentário visual e ilustrativo para ouvir as opiniões de alguns estudantes guineenses de diferentes cursos na Unilab, e de um Professor guineense da Unilab, sobre a oficialização do crioulo, com isso percebe-se que o tema vai trazer muitas discussões à volta daquilo que era considerado como língua da união para um bem comum.

Nesse mesmo diapasão, pretendemos não só por uma perspectiva da aprendizagem, mas percebe-se que não se pode falar de sistema educativo guineense fragilizado, em termos da aprendizagem da língua portuguesa sem falar da oficialização da língua crioula. Todas essas dificuldades se devem não só no modo do ensinamento do português, mas também a própria dominação da língua crioula no nosso cotidiano.

Autores como Augel (2007), uma reconhecida estudiosa da sociedade guineense, concluiu que cada guineense fala mais de uma língua. Os que vivem nas zonas rurais, geralmente, têm o crioulo como a segunda língua ao passo que os que vivem nas zonas urbanas, em maioria, têm o crioulo como a primeira língua; esta realidade é instável.

Em 1979, 15% da população se identificavam com o crioulo sendo a sua primeira língua; 44,3% consideravam como segunda língua, apesar de ser uma língua do dia-a-dia, usada nos discursos políticos, no parlamento. Nas escolas, para poder ter uma rápida compreensão sobre a matéria, o professor usa língua crioula durante as aulas, o que não é permitido, já que há a falta do domínio da língua portuguesa por ambas as partes, mesmo sabendo que o crioulo não é uma língua utilizada no ensino, nem básico nem médio (EMBALO,2008).

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Breve historia do povo Guineense

Ao lermos os textos sobre a História da Guiné-Bissau de autoria de Carlos Lopes (1987), nos damos conta de como foi o processo de formação dos povos guineenses e como também foi formado o atual território que hoje se denomina de Guiné-Bissau.

Para Lopes (1987), o atual território de Guiné-Bissau corresponde exatamente ao antigo reino de Kaabu, que se formou a partir da desintegração de império de Mali, do legendário imperador Sundiata Keita. Os mandingas, povos animistas, antes da islamização, povoavam o reino de Mali entre outros grupos tribais, a exemplo dos fulas e de outros. Após a perda do trono e da morte do imperador Sundiata instatou-se um caos e este caos expandiu-se ocasionando a desintegração deste vasto império.

Mas o Império do Mali está intimamente ligado à epopeia de Sundiata, seu fundador no ano de 1235, após a vitória sobre Soumaro, na batalha de Kirina. O sentimento nacional mandé, que sustentava a vitória de Kirina, fazia surgir um Estado, cuja capital seria Niani, a sul de Guiné-Bissau. (LOPES, 1997, p.16).

Após a queda do Império de Mali, os Mandingas evadiram principalmente para zona costeira de África ocidental e se instalaram em Kaabu donde vão se chocando tempo depois os Fulas, o que ficou conhecido como a batalha de kansala (AUGEL, 2007).

Dentre vários povos que se instalaram no reino de Kaabu e que se estende praticamente até zonas de Casamance e Ziguinchor ainda constitui um debate e discussão sobre a real origem da língua crioula. Como lembram Lopes (1987) e Augel (2007), a língua crioula teve sua base e criação no contato com a língua portuguesa, a partir dos contatos durante o processo colonial.

2.2. Situando a língua crioula no processo histórico da Guiné-Bissau

Segundo Embalo (2008), todas as colônias portuguesas têm o português como a língua oficial, que também é utilizado no meio da comunicação e no ensino, mas ela mostra que no caso da Guiné-Bissau o português não é a língua mais falada pela

população, podendo ser considerada como a segunda ou terceira língua para os guineenses, porque a maioria da população se expressa mais em crioulo. Desse modo, podemos afirmar que o crioulo é uma língua de união.

Em conformidade com a autora Embalo (2008), o crioulo surgiu através da junção de línguas africanas com o português, concedendo a comunicação entre si e os portugueses, e debutou nos meados do século XVI. Porém, alguns estudiosos que tratam sobre o mesmo assunto não concordam com a visão de Embalo, como (PACK, 1988 & KIHM, 1994), têm opinião oposta a dela, que sugerem que o crioulo surgiu em Portugal por causa da chegada de alguns escravos no século XV.

Ainda na visão de Rougé (1986), compreende-se que o crioulo surgiu em Cabo Verde, e só depois que foi levado para Guiné, mas o que se fala em Guiné é muito próxima ao que se falava em Cabo Verde. De acordo com a compreensão de Nhaga (2011), o crioulo é um labirinto e para a maior parte dos estudiosos é um recurso de rejeição da língua dos colonizadores. Todavia, com o passar do tempo, acabou tendo uma grande participação na formação da nação, devido à população que vivia na cidade de Bissau. A tentativa de aceitar o português surgiu com o crioulo.

Para Augel (2007), a língua crioula tornou-se uma cultura nova perante a sociedade devido o choque da realidade local com a língua do colonizador que está ligado à norma de crescimento do colonialismo europeu, em emergência de diálogo na sociedade onde existem várias línguas. Em meados do século XVI, com a chegada dos portugueses na costa da Senegâmbia ao Cabo-verde começou a surgir os crioulos guineense, Cabo-verdianos, e do Ziguinchor com base na língua portuguesa, de acordo com o escuteiro de estudo da língua crioula da Guiné-Bissau o Italiano Artur Biasutti autor do Vokabulari Kriol- portugês, onde se refere que a língua crioula é fruto da língua dos colonizadores devido ao vocabulário e com origem africana.

O crioulo foi desvalorizado pelos portugueses, durante a colonização, pois era considerada uma língua de não letrados. Em todo esse tempo, o crioulo disputou com o português, e como foi usado na luta da libertação, passou a se desenvolver mais e mais. Depois do período colonial o crioulo passou a ser mais falado na cidade e isso deu a chance de ser chamada da língua da união (AUGEL-Parente, 2007 apud LOPES, 1988).

Ao analisar a sociedade guineense no seu termo linguístico o crioulo está evoluindo cada vez mais, e claro que a língua não é estática, a luta da libertação foi um passo grande para o crioulo começar a ser visto como língua, mas teve mais força depois da luta. No entanto, houve muitas mudanças após a colonização, programas de

televisão além da sua obediência a cooperação portuguesa, já que os rádios que transmitem a maior parte dos seus programas usam o crioulo (AUGEL, 1997).

Os especialistas nos estudos linguísticos alegam que a maioria do vocabulário da língua crioula vem das línguas maternas e da língua dos colonizadores. O crioulo surgiu na zona onde os portugueses tiveram mais contato com a língua étnica mais falada no local em que se formou o crioulo e começou a se desenvolver o crioulo da Guiné-Bissau. Tendo em conta que o crioulo tem as suas variações devido ao processo de aculturação, como todos nós sabemos, toda língua sofre alterações com o tempo e nessa circunstância o crioulo apresenta as seguintes variações.

[...] Na “folklinguística local” [a expressão é de Couto (1994, p.54)], e diferencia-se entre o kriol lebi (crioulo leve) e o kriol fundu, isso é entre a língua mais próxima do português e aquela tradicional, falada hoje em dia sobretudo pelos mais velhos ou em certos espaços menos influenciados pela escola. É Hildo do Couto que propõe, no campo linguístico guineense, uma escala de variabilidades que vai das línguas nativas ao português lusitano, passando pelo crioulo nativizado, o crioulo tradicional, o crioulo aportuguesado, e o português acrioulado (AUGEL, 2007 apud COUTO, 1994, p. 53).

2.3 Modelo para a adoção de uma segunda língua oficial do país

Ao analisar os países que possuem mais de uma língua oficial, entre eles a Índia, Tanzânia, Canadá, África do Sul, Guiné-Equatorial, entre outros, podemos pegar o modelo da oficialização de um desses países para discutir o mesmo processo em Guiné-Bissau, de preferência o modelo de um dos países da África, porque tem realidades sociais semelhantes. No caso de Cabo-Verde, embora o crioulo não tenha sido oficializado, já existe um estudo bilíngue.

Podemos ver o caso da Tanzânia que foi o primeiro país na África a ter uma língua nacional como a segunda língua oficial do país, a swahili foi à língua usada nos períodos da luta pela independência, é como a língua crioula na Guiné Bissau, mas na Tanzânia após a primeira guerra mundial com a presença dos britânicos o Inglês se tornou a língua oficial, a língua swahili foi aceito a nível das províncias, além de ser colocado nos primeiros cinco anos do ensino e o inglês passou a ser estudado nos restos dos anos dos estudos, em 1930 foi criada um comitê de línguas com intuito de normalizar a língua swahili (PETZELL, 2012 apud, WHITELEY, 1969: pp., 82-83).

Com o passar do tempo o ex-presidente Julius Nyerere contribuiu muito para a oficialização da língua swahili, em 1964 foi aceito como língua nacional, foram criadas organizações designadas para manter a língua afirma Petzell, (2012).

No caso da Guiné para começamos a dar o passo para a oficialização do crioulo podemos adquirir o modelo de Cabo-Verde, tornando o crioulo a língua do ensino e pouco a pouco prossegui para o processo da oficialização, assim como a Tanzânia. Para alguns linguístas a Guiné-Bissau é um país onde existe triglossia, como no caso da Tanzânia que acabei de citar no parágrafo anterior, onde se disputa o português com o crioulo e o crioulo com as línguas étnicas, (Intumbu N.A apud Mkilifi 1978).

Como salienta o Freire & Guimarães (2011) Amilcar Cabral além de aceitar o português como a língua do ensino, mas também mostrou que com o tempo o crioulo e outras línguas étnicas mais faladas podem ser oficializados. Neste sentido, para que isso aconteça teremos que seguir o modelo da oficialização da África do Sul, pode analisar este processo de uma forma tal qual ocorrido nos outros países africanos afirma blogueira Michelle Braga conta como foi a sua ida e vivencia na África do Sul, apontando as 11 línguas oficiais da África do Sul, ao deparar com a sua história, achamos que podemos usar o modelo da África do Sul, na Guiné-Bissau para oficializar o crioulo.

No entanto, não precisamos ter todas as línguas étnicas mais faladas oficializadas, mas sim o crioulo, porque se tentamos oficializar todas as línguas étnicas mais faladas como no caso da África do Sul, não vamos dar nenhum passo ao querer oficializá-las, porque se não conseguimos oficializar o crioulo que falamos todos os dias como é que vamos conseguir oficializar uma língua étnica que é falada só por um grupo de pessoas.

2.4 Propostas de política linguística para Guiné-Bissau

Ao falar da oficialização da língua crioula muitos acham que é difícil acontecer pelo facto de ser um país que apresenta a diversidade linguística. Não só por sua diversidade étnico-cultural, mas sim pelas consequências que o processo da colonização traz dentro da própria língua nacional dos países africanos, compreendo a língua como um dos elementos mais fundamentais no processo de dominação.

Segundo Couto & Embaló, o Amílcar Cabral opta pelo português como a língua do ensino, alegando que muitos querem se promover com o crioulo, mas naquela altura não seria possível, então vão prosseguir com o português, depois de um bom resultado, aplicamos o crioulo, sabendo que “o português é uma das melhores coisas que os Tugas nos deixaram” (COUTO & EMBALÓ 2010 Apud CABRAL 1990, p.59). Tendo isso em conta, apresento uma visão diferente em relação a visão apresentada pelo Amílcar Cabral,(1990) como refere os dois autores na qual supra citamos.

Na minha percepção, os que estavam na liderança do país deviam preocupar-se não só com a língua dos colonizadores, mas também com a língua nacional na qual uniam todos os guineenses. Porém percebe-se que estas duas línguas (português e crioulo) podem ser utilizado em conciliação como acontece em alguns países do continente africano na qual possui mais de que duas línguas oficiais e isso não tiraria nenhuma importância das duas.

Se levarmos em consideração que os colonizadores em diferentes momentos do processo da colonização, usavam a língua como um instrumento da dominação sobre o colonizado, com certeza ficaria muito mais fácil compreender a importância de adotarmos uma política de oficialização da língua crioula para melhor começarmos a desfrutar da nossa riqueza.

É evidente que nós não podemos nos desfazer do português, aqui não se coloca essa discussão, é claro que em nenhum momento nós não devemos nos desfazer da nossa história, mas também em nenhum momento devemos deixar de lado aquele que é a nossa riqueza, a língua crioula é uma riqueza que o povo da Guiné-Bissau possui, sendo assim deve ser pensada, valorizada e atribuída a sua importância para além.

Percebe-se que existe um grande paradoxo nos discursos de algumas pessoas sobre não legalização da língua crioula como uma língua oficial, nota-se que o crioulo é falado nas instituições públicas e na própria Assembleia Nacional Popular e em todos os ministérios, é a língua mais falada nos locais do trabalho. Não adiante proibir uma coisa depois voltar a usufruir da mesma coisa que tinha rejeitado.

Podiam reunir condições para colocar o crioulo como a língua do ensino, desde já, uma vez que tinham percebido muitas dificuldades de aprendizagem da língua

portuguesa, ou optar por um ensino bilíngue, com a ajuda de Paulo Freire após terem esse contato com ele como diz Mário Cabral.

Em um dos livros de Paulo Freire & Sergio Guimarães intitulado a “África ensinando a gente (2011)” se fez uma problematização sobre o ensino depois da época colonial, quando o português passou a ser ensinado nas escolas, e onde alguns guineenses que frequentavam a escola começaram a questionar por que não o crioulo a ser ensinado se é a nossa própria língua, por que quando os colonizadores estiveram aqui não nos ensinaram a língua deles e porque agora tem que ser ensinado, então foram respondidos assim por Mario Cabral.

[...] Olha, é tão simples como isso: eu sou agrônomo. Estamos a tentar melhorar a nossa agricultura. Nós temos que recorrer a instrumentos, sementes melhoradas, adubos etc., mas também vamos recorrer a tratores. Não fomos nós que inventamos o trator. Nós vamos utilizá-lo para abrir os caminhos do desenvolvimento. Ora, a alfabetização é isso mesmo. As nossas línguas são muitas, uma trintena, e não temos a capacidade de fazer a alfabetização em todas as línguas. Vamos utilizar o português. Se calhar vamos utilizar o crioulo, que é uma língua falada por mais ou menos 80% da população. (FREIRE & GUIMARÃES, 2011 pp. 174-175)

Em 1989 o ministro da educação tentou programar o crioulo nas escolas a partir do ensino primário, mas não conseguiu permanecer devido à teoria de Cabral, de que a única herança que os Tugus nos deixaram é o português e até nos dias de hoje isso ainda se faz presente nos argumentos dos políticos guineenses. (COUTO & EMBALÓ, 2011).

Segundo o blogsport.conosaba, os cidadãos guineenses querem a oficialização da língua crioulo na Guiné Bissau. Essa reivindicação aconteceu muito recentemente no ano 2017, mas nenhuma decisão foi tomada pelo Estado guineense, a população manifestou a sua vontade de que a língua crioula fosse oficializada, toda via nenhum dos políticos que representa a população tomou a frente e submeteu a um projeto de oficialização da língua crioula a ser debatido na assembleia nacional popular. Esse fato nos mostra claramente o desinteresse dos nossos políticos.

Para termos a língua crioula oficializada como a segunda língua oficial, o Estado da Guiné-Bissau teria que criar uma política linguística coerente. Como todos nós sabemos que não é fácil, ainda mais por um Estado que não valoriza o que é seu e que quase vive dependendo dos outros, não por falta de recursos ou pessoas capacitadas.

Como podemos constatar após a independência na Guiné-Bissau nunca houve um Estado estável ou um mandato sem interrupções.

As instabilidades políticas que sempre pairam sobre guiné, na qual muitos se justificam como sendo motivo para não oficialização da língua crioula. Compreende-se que essa afirmação não tem nenhuma fundamentação para impedir a língua crioula fosse oficializada.

De acordo com Calvet (2007) uma língua precisa ter esses seguintes elementos: a escrita, o léxico, e a padronização. Esses três elementos são de suma importância para construir uma língua ou para oficializá-la. Toda língua precisa de ter uma escrita, um vocabulário, um dicionário, e deve desenvolver as regras da escrita. Como podemos ver, o crioulo tem esses requisitos, mas ainda não chegamos a certa conclusão de padronização da melhor forma de escrita de alguns vocábulos, e para isso acontecer cabe ao Estado de Guiné-Bissau tomar essa decisão.

Para ter um bom resultado no ensino precisamos ter o domínio da nossa língua, porque para dominar uma língua que não é sua precisa aprender o seu para não ter muita dificuldade, apesar de que vai ser uma língua nova, mas para expressar é só parar e formular o que quer dizer em outra e com isso vamos ter menos dificuldades em português, de acordo com alguns estudiosos para ter o domínio a outra língua deve ter primeiro em sua língua de origem.

Ao falar da literatura africana no contexto das ex-colônias portuguesas, a Guiné-Bissau apresenta uma grande ausência de utensílios na reverência a literatura, alguns estudiosos retratam o começo da literatura guineense a partir do século XX, essa demora se deve a decadência de situações socioculturais favoráveis à própria literatura Bissau-guineense como afirma Ileana (2014).

Ainda conforme a mesma autora percebe-se que devido a posição que a Guiné-Bissau ocupava entre as colônias portuguesa, considerava-se que o país estava numa posição de subalterno entre outras colônias, isso de certa forma refletiam nos fatores que condicionavam o empobrecimento da literatura guineense. Portanto a Guiné-Bissau foi uma colônia de aproveitamento diferentemente do cabo verde que foi uma colônia de povoamento.

Por muito tempo, em obediência do colonizador, os romances da Guiné-portuguesa que é hoje a atual Guiné-Bissau foram comandados pelos escritores caboverdianos e estrangeiros, tendo em conta que a Guiné e cabos-verdes eram encarados como um único país. Onde se apresenta o primeiro romancista guineense e a sua

primeira obra “eterna paixão” de Abdulai Sila lançada em 1994 e em seguida as outras obras dele, ele foi um dos fundadores do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisa, (INEP) ele escrevia para manifestar o seu desgosto ao regime de submissão político presente.

3. JUSTIFICATIVA

O trabalho se justifica por várias razões, quer no plano acadêmico ou no campo social, pois muitos fatos relacionados às políticas linguísticas adotadas em Guiné-Bissau chamaram a nossa atenção para fazer esse documentário, que, posteriormente, poderá ser ampliado ao longo da graduação.

A sua importância no âmbito acadêmico na sociedade Bissau-guineense, de certa forma vai ajudar no ensino e no aumento de nível de aprendizagem na mesma sociedade. Sabendo que além da língua oficial e das línguas étnicas faladas em Guiné-Bissau, o que leva toda a sociedade guineense a se comunicar melhor é o crioulo. Ainda, o mesmo é muito útil, pois permite que os estudantes guineenses tenham mais facilidade na compreensão dos textos elaborados nas suas línguas maternas, não só sendo um documento científico, mas sim aquilo que busca trazer à tona as vantagens que a língua crioula pode proporcionar dentro da academia, principalmente para os estudantes guineenses, que são profícuos na língua crioula da Guiné-Bissau.

A oficialização do crioulo facilitará nas compreensões das informações difundidas através das mídias: rádio e televisão, para aqueles que não compreendem o português ou não sabem falar o português, neste caso os mais velhos e alguns jovens que são proibidos de ir à escola.

A oficialização do crioulo não vai resolver o insucesso escolar, mas sim diminuí-lo, não como no caso do português, como podemos analisar. O português sempre foi a língua do ensino depois da colonização, mas, mesmo com isso ainda há muito fracasso no ensino, ao passo que se juntarmos as duas línguas para utilizá-las no ensino teremos um o sucesso escolar um pouco melhor e, com o tempo, dirige-se para melhor.

4. OBJETIVOS

Geral:

Apresentar uma proposta de oficialização da língua crioula em Guiné Bissau.

Específicos:

- Situar a língua crioula no processo histórico de Guiné-Bissau;
- Traçar as principais características de modelos que abordam a oficialização de uma língua;
- Lançar proposta de política linguística para Guiné-Bissau.

5. METODOLOGIA

Para o presente projeto de pesquisa, elegemos a pesquisa qualitativa como método de trabalho. Fizemos a coleta de dados e informações acerca do nosso objeto definido para o estudo por meio da realização de um documentário. Foram coletadas as informações literárias disponíveis, selecionados os livros relacionados ao tema, bem como relatórios, artigos científicos e entrevistas com depoimentos de estudantes e um professor guineense que moram no Brasil.

Salientamos que antes de começar, fizemos uma revisão bibliográfica. Lembrando que este tipo de pesquisa não é uma mera repetição dos dados que possamos recolher de vários autores que trataram sobre o assunto a ser pesquisado, mas é muito mais do que isso; a nossa recolha de dados vai nos possibilitar numa nova construção do modelo teórico, permitindo assim, as análises e comparações para melhor articulação do conhecimento com a parte dos nossos objetivos.

Conforme Creswell (2010), a pesquisa bibliográfica “relaciona um estudo ao diálogo maior com outros estudos”, assim, preenchendo os vazios deixados e aumentando os estudos que já foram realizados sobre o mesmo assunto e mostrando uma relevância do estudo, e, desta forma, permitindo a comparação das referências com outros resultados. Ainda, de acordo com Gil (2010), o levantamento bibliográfico facilita a delimitação na área de estudo, e, a partir de a definição do nosso problema de estudo.

Optamos em fazer o documentário não só por falta de documentos científicos, mas, sim também como um meio de alcançar toda a sociedade guineense dependendo de onde eles estiverem porque além de ser um trabalho acadêmico isso não impede de uma pessoa ter acesso, porque ao ser disponibilizado gratuitamente na biblioteca da Universidade em redes sociais, blogues, entre outros o documentário poderá despertar a reflexão dos nossos políticos e dar mais ênfase à voz da população a fim de continuar pedindo a oficialização do crioulo na Guiné-Bissau.

Para a recolha dos entrevistados que deram seus depoimentos no vídeo, buscamos selecionar alunos e professores da Guiné-Bissau de diferentes cursos e diferentes faixas etárias.

Os depoentes são os seguintes:

- Edina Ié, estudante do curso letras, 9º semestre;

- Karol Maria Oringa Simões, estudante do curso de enfermagem 8º semestre;
- Professor Lourenço Ocuni Cá, coordenador do curso de Licenciatura em Ciências da Natureza e Matemática na Unilab,
- Mikail Gomes de Pina, estudante de curso de administração pública, 10º semestre;
- Nuna Nunes Correia, estudante do curso de Letras, 8º semestre.
- Yolanda Victor Monteiro Garrafão, aluna de sociologia 4º semestre.

6. A produção do documentário

Pré-produção

Para realizar o documentário, comecei a fazer solicitação para os/as meus/minhas depoentes, mas nem todos que tinha selecionado e enviado mensagens tinham me respondido que estariam dispostos a fazer as entrevistas. Apenas duas pessoas me responderam, o Professor Dr. Lourenço e estudante Mikail, os demais não, e me levou a procurar pessoas pessoalmente para perguntar se estariam dispostos a serem entrevistados para o meu documentário. Comecei a ter respostas, alguns marcaram a data e o horário para gravamos no caso da Edina e Yolanda, e o Karol e Nuna falei com eles no momento e eles aceitaram no mesmo instante o realizarmos a gravação.

Produção

A maioria dos vídeos foram realizados no espaço de convivência da universidade, poderia optar por uma sala como ambiente de gravação, mas recebi o conselho de não o fazer por causa do eco. Com isso, resolvi escolher o espaço da convivência por apresentar menos barulho e também que vai deixar o entrevistado mais à vontade para expressar e as outras duas foram feitas ao lado do auditório didático no campo de Liberdade e uma feita em sala dos professores no campo de Palmares. No final da coleta de dados, iremos dar corpo ao nosso trabalho final.

Foi feita uma pergunta para todos os depoentes (**Você defende a oficialização da língua crioula na Guiné-Bissau?**). Lembrando que poderia ser feita mais de um vídeo, mas preferimos fazer somente uma que de certa forma abrange todo o sentido da importância da língua crioula na Guiné-Bissau. As entrevistas foram feitas em crioulo e em português, não podemos falar da oficialização do crioulo sem ter nenhuma entrevista feita em crioulo, e isso também mostra que as duas línguas podem caminhar juntos.

Pós- produção

A edição, montagem, e acabamento do vídeo, foram realizados por mim e por outro colega da universidade denominado Nelo, em sua casa. Desta forma, as imagens apontadas no início do vídeo e entre outros destacados neste trabalho foram montadas

por Nelo. Além disso, pegamos uma outra parte vídeo de Manecas Costa que consta no youtube para demonstrar o “musaico cultural e turístico” da Guiné- Bissau.

Sendo assim, é muito importante salientar que a musica intitulada *Amor só amor*, de Binham Quimor, trabalhada ao longo desse processo foi escolhida na base de opinião proposto por meu namorado.

7. FICHA TÉCNICA

Roteiro; Zulaica Buini Sambú Sarr

Direção; Zulaica Buini Sambú Sarr

Direção de Fotografia; Manuario Correia e Zulaica Buini Sambú Sarr

Consultoria; Zulaica Buini Sambú Sarr

Produção; Zulaica Buini Sambú Sarr

Edição: Nelo Francisco Da Silva

Câmera usada para a gravação dos vídeos: Antônio Gislailson Delfino Da Silva e

Manuário Correia

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de descrever e analisar a situação linguística em alguns países do continente africano percebemos primeiramente a importância e a necessidade de políticas linguísticas para o desenvolvimento social, sobretudo no que abrange a educação dos próprios nativos na qual realizamos a nossa discussão.

Ao longo desse percurso de muita dificuldade, analisamos que ainda existe a falta de informações sobre a Guiné-Bissau e sobre a língua crioula, como tínhamos destacado ao longo do trabalho. A ausência da literatura guineense também está na fala de cada depoente mostrando a sua preocupação com a oficialização da língua crioula na Guiné-Bissau e mostrando a sua importância no ensino, também as vantagens que a oficialização pode trazer.

Ao ver o vídeo podemos perceber que na fala dos depoentes que falaram em português e em crioulo; os que expressaram em português tiveram um pouco de dificuldade para exprimir porque tinham que refletir muito, antes de falar para que não saíssem do contexto gramatical que a língua portuguesa exige, e, por outro, eles não tiveram essa dificuldade em expressar em crioulo, porque já é uma língua que eles dominam.

De acordo com o depoente Professor Lourenço, há falta de interesse político para oficializar o crioulo; o mesmo aponta que já existem materiais e também pessoas capacitadas para sentarem e discutirem a normatização do crioulo na Guiné-Bissau. Prosseguindo a entrevista a aluna de curso de Letras, Nuna, no seu depoimento, fala que apoia a oficialização, mas isso não significa que ao oficializar a língua crioula temos que abandonar o português mas, sim, usar o crioulo nos primeiros anos do ensino e nos locais de trabalho, e o português passa a ser a nossa língua de comunicação com o estrangeiro no momento da cooperação.

O depoente Karol apoia a oficialização, mais no sentido de sabemos valorizar o que é nosso. Edina realça seus argumentos ao colocar as duas línguas no mesmo nível sem desvalorizar o outro. A depoente Yolanda alega que os materiais didáticos feitos em português não são pensados para a realidade guineense enquanto que o Mikail, mostra que sempre tem essa comparação de Guiné-Bissau e Cabo Verde no sentido da oficialização da língua crioula.

Para implementar o crioulo como uma língua oficial na Guiné-Bissau os nossos governantes terão que lidar com uma nova descolonização. Ora, sabendo que toda a

dominação começa por meio da língua, nesse sentido, não estou dizendo para tirar a língua portuguesa do nosso contexto, mas sim tornarmo-nos definitivamente independentes dos colonizadores e não aceitar as suas regras, nem mesmo a forma de comunicação, e começar a tomar as nossas próprias decisões. Só assim, o Estado guineense poderá tomar a iniciativa de colocar o crioulo como uma língua oficial, porque não nos faltam pessoas capacitadas que possam tomar a frente para a elaboração de normas e regras para oficializar o crioulo como uma segunda língua em Guiné-Bissau.

REFERÊNCIAS

- AUGEL, Johannes. **O crioulo da Guiné-Bissau**, Afro-Ásia (1997), p. 251-254.
- AUGEL, Moema Parente, 1939: **O Desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- AUGEL, Moema Parente. 1939: **O Desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau**. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.
- AUGEL, Moema. **Criolo guineense e a oratura, scripta**, Belo Horizonte.V.10,n.19, p. 65-91, sem.2006.
- BARANÇÃO, Ileana. **A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA NA GUINÉ-BISSAU**. Universidade de Brasília: Instituto de Letras, 2014.
- CALVET, Louis-Jean 2007. **As Políticas Linguísticas**. Florianópolis e São Paulo: Ipol/Parábola. 166 p.
- COUTO, Hildo Honório do; EMBALÓ, Filomena. **Literatura, língua e cultura na guiné-bissau um país da CPLP: PAPIA**. 20. ed. Brasília: Inepvista Brasileira de Estudos Crioulos e Similares, 2010.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativos, quantitativos e misto**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- EMBALO, Filomena. **O Crioulo da Guiné-Bissau: Língua Nacional e Factor de Identidade Nacional**. Papiá 18,França, 2008, p. 101-107
- FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sergio. **A África ensinando a gente**. 02. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5.e d. São Paulo: Atlas, 2010.
- <https://www.brasileiraspelomundo.com/africa-do-sul-um-pais-com-11-linguas-oficiais-070915698>
- : http://didinho.org/Arquivo/SIT_LING_GB_Incanha.pdf
- Instituto Nacional de Estatística. III- Recenseamento Geral da População por Habitação. p. 71. Guiné-Bissau. 2009.
- Link: <https://conosaba.blogspot.com.br/2017/05/cidadaos-da-guine-bissau-querem.html>
- LOPES, Carlos. **A tradição história na guiné-bissau**. Bissau: Inep,Bissau, 1987
- LOPES, Carlos. **Etnia, estado e relação de poder na guiné bissau**. 04. ed. Porto: Edição 70, 1982. (Biblioteca de estudos africanos).

NHAGA, Joaquim, Ghorque. **Formação De Identidade Nacional Na Guiné-Bissau**, Brasília, maio de 2011

PETZELL, Malin. **Situação linguística na Tanzânia**. Universidade de Gotemburgo: Moderna Sprak, 2012.